

INTERROGANTES

Adriám Mosquera Paços

Interrogantes

1ª edição, março 2018

Tiragem: 250 exemplares

Autor: Adriám Mosquera Paços

Depósito Legal: C-303/2018

Portada: Azulejo de Adriám Mosquera Paços

Facebook_cadernosnlheiro

Adriám Mosquera Paços “Senlleiro” (1985, Bugalido, Ames)
é um preso independentista galego que se encontra privado de
liberdade desde o 7 de janeiro de 2013.

Interrogantes



I - 12 de dezembro 13

Traes olhos luminosos
que tombam as muralhas
(A fome como umha estaca
cravada no mais fundo
a espera por vermo-nos de novo.)
Traes força infinita.

II

O caminho
perdendo-se
pola névoa

e todo o que queremos ser.

Nom non podem borrar-nos o nosso mundo.

III - 14 janeiro 14

O espelho de plástico
a cara da trena
as bonecas rusas que traem
um isolamento dentro de outro
um isolamento infinito

o espelho que mente
caras de espanto
um cigarro apagado no olho
quer queimar as cores
quer queimá-lo todo

mas sempre agroma dentro
a paixom pola liberdade.

IV - 4 fevereiro 14

A gaivota tem umha asa rota
e passeia soa polo jardim da prisom

os recordos do céu
a nostalgia das nuvens brancas
o sonho de ter nado
por entre os limites todos do firmamento

A gaivota canta a esperança
contra o medo os seus desejos.

V - 21 fevereiro 14

O fume

as teclas

a avioneta que passa

o nosso silêncio

Todo o envolve o teu céu.

VI - 14 abril 14

*“Que chegue a hora da furia, a ira pode ser poder
Sabías que podes utilizá-lo?” THE CLASH*

Ao cair a tarde
a águia sobrevova este céu
e deixa trás de si umha ferida

é través dela que nos miramos aos olhos
as irmás
e soam umhas guitarras electricas como lôstregos.

VII - 15 maio 14

Os eucaliptos bailam
a dança dumha perda
mais alá dos muros
todas as portas estão abertas
- o manhám, o nengures-
como umha faca afiada
que traspassa a tua pele.

VIII - 16 maio 14

Tensa-se a corda
e as montanhas estão longe
todos os nomes
ante o acantilado um berro que se esvai
guardo-te e tremen-me nas mãos
códigos, pegadas orfas
o vento que murmulha
saber-te ceive
saborear os restos
da sombra que foge.

IX - 5 xulho 14

Medram pequenas larvas por baixo das folhas
e abro essa janela
que pintou a nena Maré
para podermos sair daqui.

As bolboretas voam
fazendo garavatos no ar.
é umha longa bágoa que se estende cara o infinito

X- 12 xullo 14

Cortam o horizonte com tesouras
e sanga verde e sanga a eito
enchoupan-se as celas.

O home do telejornal
mira-lo fixamente
ele sabe bem o que pensas
ele é a fantasma
que che oprime o cérebro.

XI - 1 novembro 14

Estou
pendurado
da lua crescente
impaciente
impaciente
por um abraço teu

XII - 9 novembro 14

Ela diz: "Soergue-te sobre o silêncio"
e eu falo-lhe deste barulho grisalho
O cárcere é um after permanente

XIII

Um quadro de Gernika na garita dos carcereiros

Dous presos mortos hoje

A hipocrisia dos centros de extermínio.

XIV - 10 novembro 14

O preso pergunta ao cego
onde está o futuro
umha folha em branco
ou fotografias alonjanas

Quando lle cai umha laranja
polo chan ao cego e tem
que arrastar-se a buscá-la
e, sem querer, da-lhe com o pé

Quando o preso esperta entre
formigom e dá voltas e
voltas e até os recordos fogem

Sei que a esperança está no tacto
e ler como se fosse braille
apalpando o teu corpo.

XV - 17 novembro 14

A carta perdeu-se
mais voltarei a escrevê-la
umha e outra vez

Abracaribes



I - 18 novembro 14

Ele mira
através dos barrotes da cela.

E pergunto-lhe

se se vê

terra à vista.

Mas nom.

Hoje tampouco

é o dia.

II - 19 novembro 14

A nena pinta também um relógio de areia
o deserto nom tem limites
e cada pequeno grao
esparege-se polo chao.

Ela joga coas aquarelas
alheia ao que acontece
mentres te embadunhas
de oásis para poder
respirar.

III - 20 novembro 14

Segue-me por este caminho de pedra
há um mundo inteiro por conquistar!
Umha trevoada de cores na que perder-se
e topar-se de novo dançando espidas
quando umha mirada é mais forte
que todas as prisons escuras.

Sigo-che e nom tenho medo
porque a calor do teu abraço
derrete
os invernos todos.

IV - 20 novembro 14

As folhas do Outono
caem
sobre o mar
mentres a lua medra violeta

As ondas telepáticas
batem contra as rochas e salpicam-nos
a face, o peito, o corpo todo
e descobrimo-nos gigantes
agarrando coas maos o nosso céu.

V - 19 dezembro 14

Chuspo
sobre o seu circo
rompo a pantalha que tapa
os buracos do sistema.

Escravas, vivemos na mentira do bem-estar
escravas aos dous lados dos muros
De nena, sonhavas com ser astronauta
agora vives entre ferralha que alimenta o ódio
De que cor son as paredes? Que mais dá...

Quero-te ceive apontando cum arma
os alienígenas dos teus pesadelos
Quero-te ágil como umha gata
que corre polos telhados

O jodido circo e a jodida realidade
a tortura laboral
a destruição da Terra

Vamos chuspir e brincar
com o nosso jogo de nenas grandes.

VI - 5 dezembro 14

O chisqueiro cae ao chao
continuas fugindo trás da trevoada
fumando um cigarro incombustível
enfrentado cos espelhos do panóptico
e com só olharmo-nos sabemo-lo todo
aquela cita d`A Esmorga:

*"feitos, feitos som-lhe todos, os que están fora dum
como os que están dentro dum"*

procurar a fenda
indo sempre un pouquinho mais alá...

Este libro foi escrito
entre 2014 e 2015
na prisión de
Villabona, Asturias.